

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

MARIA JOSÉ DEANE
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de Pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistada – Maria José Deane

Entrevistadores – Lúcio Flávio Taveira (LF) e Rose Ingrid Goldschmidt (RG)

Data – 12/09/1989

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 1h18min

Resenha biográfica e sumário – Lúcio Flávio Taveira

Técnico de som – Luiz Carlos Bonella

Conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

DEANE, Maria José. *Maria José Deane. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1989. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 25p.

Resenha biográfica

Maria José von Paumgarten Deane nasceu a 24 de julho de 1916, em Belém do Pará, onde realizou seus primeiros estudos. Em 1936, ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Durante o curso, realizou trabalhos na comissão encarregada de estudos sobre leishmaniose visceral, do Serviço de Estudos de Grandes Endemias (SEGE), do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Permaneceu no SEGE até 1939, quando se transferiu para a campanha contra o *Anopheles gambiae*, realizada no Ceará e Rio Grande do Norte.

Em 1942, assumiu o cargo de assistente do Departamento de Parasitologia, do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), lotada no instituto Evandro Chagas, em Belém, onde colaborou em pesquisas sobre malária e filariose, realizando estudos na Amazônia e no Espírito Santo, entre outros estados. Promovida a chefe da seção de parasitologia do SESP, desenvolveu também pesquisas sobre verminose e leptospirose. Foi ainda chefe do laboratório de entomologia da Campanha de Erradicação da Malária, do Ministério da Saúde, cargo que exerceu até 1961, quando ingressou no Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (USP).

Em 1969, organizou o Departamento de Microbiologia e Parasitologia da Faculdade de Medicina de Taubaté (SP), transferindo-se em 1971 para Minas Gerais, onde desempenhou tarefa semelhante no Departamento de Zoologia da Universidade desse estado. Em 1976, a convite do governo venezuelano, organizou o Departamento de Parasitologia da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Carabobo. Em 1980, transferiu-se para o IOC (FIOCRUZ) como pesquisadora titular do Departamento de protozoologia, onde também foi chefe *pro-tempore* do Centro de Microscopia Eletrônica. Logo depois, foi promovida a chefe deste Departamento.

Em 1986, assumiu o cargo de vice-diretora do IOC. Em 1988, foi responsável pela reestruturação do curso de pós-graduação do IOC. Maria José Deane faleceu em 13 de agosto de 1995.

Sumário

Fitas 1 e 2

As heranças austríaca, portuguesa e italiana presentes na formação dos pais; observações sobre a morte da irmã por difteria; recordações da infância em Belém; comentários sobre o avô e a busca da riqueza na Amazônia; o desprezo ao título de nobreza da família von Paumgartten; o empobrecimento da família devido à Primeira Guerra Mundial; a disciplina na educação e a valorização da literatura desde a infância; a formação francesa da mãe; o vínculo direto de Belém com a Europa no início do século; a qualidade do ensino público em Belém durante o ciclo da borracha; a organização do Colégio von Paumgartten pelas tias educadoras; a formação do pai; a morte do avô; o casamento por procuração dos pais; o curso normal realizado pela mãe em Paris; a aversão pelos movimentos políticos e ideológicos; críticas ao conceito de vocação nata; a escolha profissional; o desenvolvimento do senso crítico e o desprezo aos dogmas religiosos; a liberdade concedida pela família na escolha profissional; o significativo número de mulheres na turma da faculdade de medicina; o encontro com Leônidas Deane na faculdade e sua influência no interesse pela pesquisa científica; o estágio como interna na Santa Casa da Misericórdia; o ingresso na equipe de Evandro Chagas e a presença feminina em grupo de pesquisadores exclusivamente masculino; a recepção como cientista no interior do Brasil; a questão da virgindade e o questionamento da importância do casamento; o contato com a família Chagas na década de 30; o choque causado pela morte de Evandro Chagas; as aventuras presentes nas campanhas pelo interior do Brasil; a importância do estágio realizado no Curso de Aplicação do IOC; a ausência de nomes femininos de peso no IOC na década de 30; o trabalho em hematologia com Walter Oswaldo Cruz; o ingresso na campanha contra o *Anopheles gambiae* e a briga com Evandro Chagas; a estruturação da Fundação Rockefeller nas campanhas contra a malária; a discriminação em sua carreira profissional; as mudanças profissionais devido à maternidade; as aulas preparadas a partir da narrativa de experiências passada; a opção pela dedicação exclusiva à maternidade durante os primeiros anos da filha; o convite de Samuel Pessoa para ingressar na USP; o envolvimento da filha em movimentos estudantis durante a ditadura militar e a sua fuga para a Argentina; a violência moral sofrida pelos presos políticos; comentários sobre a ditadura militar argentina.

Data: 12/09/1989

Fita 1 - Lado A

RG – Podemos começar, doutora Maria Deane. Se quiser interromper, fique à vontade. É bem informal, qualquer coisa a gente pode parar. Bom, nós queríamos que a senhora começasse pelo começo mesmo, que nos contasse onde a senhora nasceu, quando e como foi essa sua primeira infância.

MD – Isso eu não me lembro, faz muito tempo. Foi em Belém do Pará em 24 de junho de 1916 e meus pais eram brasileiros; mas do lado do meu pai, o meu avô era austríaco e minha avó portuguesa, descendente também de italianos. Quer dizer, uma mistura. Do lado da minha mãe, portugueses. Então tem aí austríaco, portugueses e italianos... Eu fui a primeira, a mais velha.

RG – De quantos?

MD – De cinco. Éramos quatro irmãs e um caçula, foi um rapaz, mas uma das minhas irmãs morreu com menos de dois anos, com um ano e pouco. Isso é interessante porque... quer dizer, não é interessante a morte dela, mas lembrar que ela morreu de uma doença que hoje praticamente não mata mais, foi difteria crupe.

RG – Mas ainda há poucos anos atrás ainda era uma doença que assustava muito, na minha infância se falava muito.

MD – Assustava, mas não matava tanto, hoje as crianças são vacinadas, é bem mais raro, naquele tempo era comum, era relativamente comum, e ela morreu de crupe, nós fomos todos isolados e tal. E ficamos então três meninas e um menino. Meu pai queria um filho macho, não era nada machista, queria um filho homem...

RG – Conseguiu, não é?

MD – Conseguiu. E nós criamos em Belém do Pará. Quando meu avô paterno migrou para o Brasil, ele veio naquela onda de migração, porque aquela região no Amazonas, principalmente o Pará, estava num pulso tremendo, no comecinho da riqueza da borracha e, em parte, ele veio por isso.

RG – Ele veio de onde, o avô?

MD – Da Áustria.

RG – Ah, o que veio da Áustria.

MD – E meu avô também tem uma história que eu não gosto muito de contar, mas é história mesmo. Meu avô era de uma família com certos recursos e com título de nobreza, era Barão, Barão Von Paumgarten.

RG – É, a senhora guarda esse sobrenome.

MD – É, eu guardo. Aliás, à minha revelia, porque quando a gente entra na adolescência

começa a enfrentar certas coisas, família e tal e a repudiar até certas coisas. Então eu fiz uma tentativa de repudiar esse título, mas não consegui. Bem, isso não vem ao caso. Mas ele veio em parte por causa dessa coisa e, em parte, segundo a história da família, ele veio um pouco fugido da Áustria, porque na família de um certo nível, na Europa toda, os filhos homens eram mais ou menos predestinados para...

RG – O Exército...

MD – ...Exército e outro para a igreja e meu avô foi destinado ao exército... Pois é, era oficial do exército e se meteu numa briga lá nessa ocasião... Antes o duelo era permitido, era uma coisa. Ele se meteu num duelo lá e, como já era proibido, ele teve que fugir, se não ele ia pagar pela briga dele. Veio para o Brasil, e aqui ficou, mas mantendo sempre muitas relações lá com a família, parte dessas correspondências nós ainda temos.

RG – A senhora chegou a conhecer em algum momento parte dessa família?

MD – Não, não conheci, depois ele casou aqui no Brasil. Ele veio casado com uma senhora italiana e com três filhos; essa senhora morreu e ele casou com a minha avó que era portuguesa. Aí, vieram uma porção de filhos, eu já nem sei, já perdi a conta. Um deles é meu pai. Meu pai era o mais velho dos homens e herdou o nome do meu avô: Zigmo - Zigmo Von Paumgarten. Pois é, é isso.

RG – Isso é muito interessante, essa parte da biografia sempre me fascina. Então, o seu pai foi criado na tradição portuguesa ou essa origem austríaca marcou muito a formação do seu pai?

MD – Olha, a origem austríaca marcou muito todos os filhos do meu avô. Dizem que meu avô era muito austero com a família, muita disciplina, mas meu avô morreu relativamente muito cedo. Meu pai ficou muito novo, ele estava ainda fazendo o curso ginásial quando o meu avô morreu. Então, como era tradição naquele tempo - ele tinha uma porção de irmãs - deixou de estudar para arranjar emprego e sustentar a família, porque as mulheres naquele tempo eram moças de família, não trabalhavam. Então foi isso.

RG – O seu avô, antes de falecer, chegou a ter sucesso financeiro aqui no Brasil?

MD – Não, ele foi professor. Ele era professor de línguas. Era um homem aparentemente... Quer dizer, eu não o conheci, mas era um homem muito instruído, ficou uma boa parte da biblioteca dele. Ele falava correntemente várias línguas, foi professor de latim e de grego e não teve sucesso financeiro. E a família na Europa também empobreceu. Depois veio a guerra... quando o meu avô morreu, um irmão dele que era embaixador da Áustria nos Estados Unidos ainda quis tomar conta de uma parte dos filhos dele, mas eles não quiseram. E depois meu avô voltou várias vezes a Áustria, para ver a mãe dele, a família, tem ainda uma correspondência conservada aí, mas depois com a guerra a gente perdeu completamente os contatos. E da parte da minha mãe, meu avô era português mesmo, também, tinha algumas posses, mas também as guerras na Europa empobreceram muitas famílias. Ficou todo mundo pobre.

RG – Para encurtar a conversa.

MD – Para encurtar a conversa. Ficou todo mundo pobre. Ainda de vez em quando,

quando eu era menina, chegaram lá em Belém uns advogados que vinham propor à família processar o governo português para reaver os bens da família que tinham sido confiscados, porque minha avó casou com um austríaco que era (*inaudível*) esse troço todo. A família se reunia - eu me lembro muito bem, porque eu era pequena, garota, e fiquei muito impressionada com a história. Então, eles queriam que a família processasse e tentasse reaver os bens, mas a família decidiu que não, porque estava todo mundo longe, não podia confiar, enfim, essas coisas... Já tinham se acostumado na pobreza e pronto.

RG – E a senhora ficou tão impressionada com...

MD – Com o fato de vir aqueles... Eu me lembro muito bem que me mandaram na sala levar uma bandeja com uns licores, umas coisas para o visitante. Eu estava tão impressionada que eu tropecei, caí e foi tudo no chão. Eu era garotinha, tinha uns dez anos. (*risos*)

RG – Foi uma coisa que ficou na sua memória naquele momento.

MD – Ficou na minha memória, me impressionou aquela história. E do lado da família do meu avô, a mesma coisa. Da minha avó paterna, do meu avô materno também, era um pessoal de dinheiro, mas acabaram perdendo tudo nas guerras na Europa. Quando estive na Europa há uns anos atrás, eu tive um pouco de vontade de tentar ver alguma coisa a respeito da família do meu avô e tal, mas ficou por isso mesmo, não fui. Algumas coisas é melhor deixar morrer mesmo. Pois é, é isso. A ilustre família.

RG – Já é bem interessante, até que é ilustre mesmo, a sua particularmente, com esse lado aristocrático...

MD – Que não me comove nada.

RG – Mas faz parte, não é?

MD – Já me comoveu, quando a gente é jovem a gente fica impressionada com essas coisas. Depois eu fiquei pensando: o que que adianta isso se a gente é pobre, não adianta nada, se não tem um castelo por trás.

RG – Bom, mas deve ter tido uma influência muito grande na sua formação, no que a senhora é hoje. Quer dizer, de uma forma bem direta, porque a senhora já é a terceira geração, mas isso passou. A senhora disse que seu pai teve uma influência muito grande do pai dele. Isso é uma coisa que está no seu sangue.

MD – Eu acredito que do ponto de vista cultural isso teve importância, porque nos dois lados houve muita preocupação em manter aquela cultura e certos hábitos. Por exemplo, meu pai sempre estava assim na cabeceira da mesa, a gente sentava em torno, ele olhava, se alguém estava despenteado, ele dizia: “Levante-se, não é maneira de sentar à mesa”. Essa disciplina assim. Então, apesar da pobreza da família se mantinha aquela... Dava-se uma importância bastante grande à leitura, ao conhecimento de literatura, de história, enfim, esse tipo de coisa. Minha mãe foi educada na França.

RG – Por que que a sua mãe foi educada na França, como que se deu isso?

MD – Porque meu avô, como eu disse, era português. Ele trabalhava, tinha família com dinheiro, mas ele trabalhava. Eu não me lembro muito bem da história, mas ele trabalhava com alfândega e viajava muito de Portugal para o Pará, do Pará para Portugal, e os filhos dele, ele levou todos para educar na Europa. Os homens foram educados na Inglaterra e as mulheres na França e minha mãe foi para a França. Então, esses aspectos assim da cultura europeia foram introduzidos por causa do passado da família, eu supponho.

RG – O Pará, o Norte é muito diferente, imagino, do Sul. Naquela época, por que tinha esse vínculo tão grande com o Exterior?

MD – Tinha esse vínculo muito grande com a Europa, ia-se mais facilmente a Europa do que ao Rio de Janeiro e a importação de certos artigos era toda feita diretamente da Europa. Quando eu era menina, a gente usava tecidos vindos da Europa diretamente: caxemira inglesa. Minha mãe, por exemplo, apesar de não sermos ricos, tomava água de elixir - elixir da França - importada da França. Agora, aqueles novos ricos daquele tempo, logicamente não tinham cultura, mas eles tinham meios de mandar os filhos estudarem na Europa. Então, se fez lá no Pará, principalmente, uma praça de gente realmente com um certo nível de cultura, educação, devido a esse fato.

RG – A senhora, por exemplo - não só a senhora como até o doutor Deane que também tem uma origem muito diretamente estrangeira - se sentia diferente das outras pessoas lá? Ou era muito comum isso das pessoas terem essa ligação tão grande com o estrangeiro?

MD – Era comum, a gente pertencia a um grupo de pessoas que tinham esse tipo de educação. Era relativamente comum há uns anos atrás. Agora não. As coisas mudaram tanto. Você vê a televisão, por exemplo, tornou tudo tão igual, até os sotaques regionais vão se perdendo; você ainda tem um pouco, mas até isso vai se perdendo, agora não existe mais. Mas naquele tempo existia. Eu queria dizer que havia muitas famílias que tinham filhos educados na Europa, mesmo quando o chefe de família, os pais, não tinham nenhuma educação especial mandavam os filhos para a Europa.

RG – A educação naquele lugar, naquele momento, era um valor que tinha uma importância específica muito grande.

MD – Exatamente, exatamente, dessas famílias. Era relativamente comum você encontrar pessoas que falavam inglês, falavam francês e tal, mas as coisas mudaram muito.

RG – E a senhora foi a escola desde pequeninha ou a senhora tinha educação assim em casa, meio informal.

MD – Não, depois que o meu avô morreu, as minhas tias organizaram um colégio, guardando uma tradição: meu avô era professor...

RG – Desculpe interromper, mas o seu avô era professor de uma outra escola ou ele tinha já uma escola própria?

MD – Não, não, ele foi professor de um Colégio Estadual, que era de um nível muito bom naquele tempo, porque o Pará teve a sorte, ao mesmo tempo que conseguiu bastante dinheiro, bastante recursos, de ter uns governantes com uma visão muito boa. Então esses governantes fundaram, por exemplo: o Museu [Emílio] Goeldi; uma escola de química

industrial de nível excelente, chamando gente de fora, europeus em geral. Essa parte de educação foi muito cuidada, o Colégio Estadual era muito bom, de muito bom nível, inclusive, já quando eu fui para o ginásio estadual, o ginásio tinha laboratórios excelentes de Física, Química, História Natural. Então, meu avô foi professor no Colégio Estadual e tinha muitos professores estrangeiros, europeus. Naquele tempo, se ensinava Latim, Grego, Alemão. E as minhas tias, depois de algum tempo, organizaram um colégio que se chama Colégio Paumgarten. Foi muito conhecido em Belém, muita gente boa, muitos ex-governadores estudaram no colégio, e eu estudei o primário no colégio das minhas tias.

RG – Essa escola só ia até o primário?

MD – É, tinha só o primário, tinha o primário completo, ginásio você fazia num ginásio.

RG – Já era comum, fazia parte da tradição, as mulheres estarem ligadas à educação assim de uma maneira mais profissional, como as suas tias ou elas foram pioneiras nessa questão profissional? Eu digo: por terem a iniciativa de organizar a escola.

MD – Olha, eu não sei te dizer exatamente, eu acho que de certo modo elas foram pioneiras.

RG – Eram umas mulheres, a senhora diria, pouco usuais?

MD – O colégio delas era bastante avançado para a época e para o local. Primeiro, era um colégio que ocupava o estudante o dia inteiro. Eles tinham internato, semi-internato e externado.

LT – E era misto?

MD – Era misto e nós tínhamos esporte, música, ginástica, teatro organizado no colégio. Quer dizer, era um colégio avançado para a época.

RG – Uma concepção integrada de educação, não é?

MD – É. Depois eu fui para o ginásio e fiz o meu curso ginásio no ginásio do Estado, onde o meu avô tinha sido professor.

RG – E essa parte de religião como era na família?

MD – Ah, o pessoal era todo muito católico.

RG – Os austríacos já eram católicos, todo mundo era católico?

MD – Eram católicos. Corre outra história na família - eu não sei até que ponto, fico pensando. Contavam na família e alguns documentos que a gente tinha mostraram isso: parece que a origem nobre da família do meu avô vem da guerra dos 30 anos e, segundo parece, a família era de origem judaica. Paumgarten é uma modificação do nome judeu Baumgarten e eram oito irmãos: seis morreram na luta e dois sobreviveram. Quando houve isso, eles já tinham adotado a religião católica naturalmente para se libertar de fogueiras, o que eu acho que foi uma grande sabedoria.

LT – Os cristãos novos.

MD – É o cristão novo. Então daí vem a origem, um dos irmãos sobreviventes teve o título de conde e outro de barão. Essa é a história que ficou (*risos*).

LT – Eu queria que a senhora, se fosse possível, falasse um pouco da formação do seu pai e da sua mãe.

MD – Meu pai teve que interromper os estudos muito cedo. Quando o meu avô morreu, ele tinha de 16 para 17 anos e teve que deixar os estudos e foi se empregar. Trabalhou como guarda livros, esse tipo de coisa, uma profissão que hoje não existe mais, hoje ninguém é guarda livro.

RG – É contador, ainda tem.

MD – E minha mãe, como meu avô materno, vivia indo a Portugal: Brasil-Portugal-Brasil. Meu pai conheceu minha mãe numa dessas viagens que ela fez ao Brasil e eles demoraram muito a casar justamente porque o meu pai tinha o encargo da família toda, vários irmãos e a mãe dele, etc. Finalmente casou por procuração, a minha mãe em Portugal e meu pai aqui, durante a primeira guerra. Minha mãe tinha se formado na França, tinha feito curso normal, que era o que as mulheres faziam naquele tempo num colégio em Paris. Ela veio para o Brasil num navio cargueiro do qual ela era a única passageira, sob os cuidados diretos do comandante do navio. Então, ela contava que viviam apavoradas com receio de submarinos alemães etc, etc, mas chegou bem.

RG – É, uma viagem cheia de aventuras.

MD – Cheia de aventuras.

LT – E aqui no Brasil ela se dedicou ao Magistério?

MD – Não, minha mãe nunca se dedicou ao magistério, minha mãe sempre foi prendas domésticas.

RG – Do lar, não é?

MD – Do lar.

RG – É, mas o papel dessas mulheres na casa é um papel muito importante, o papel da mãe educadora, que está desaparecendo totalmente hoje em dia. É um trabalho tempo integral.

MD – É, tempo integral. Já sabem os meus antepassados.

RG – A senhora também sabe que tem histórias sem fim, se a gente quiser, mas não podemos porque a senhora está muito ocupada.

MD – Mas aí está a origem do *von* do meu nome, do qual eu queria me libertar. Quando eu casei, mandei cortar o *von* do meu nome, mas o tabelião manteve o *von*, não sei porque

as pessoas se encantam com aquele *von*.

RG – E por que a senhora tinha assim algum preconceito?

MD – Porque eu não vejo sentido nisso aí. Por exemplo: agora eu assino Maria P. Deane, essa é a minha assinatura: Paumgarten Deane. Mas toda vez que eu tenho que pôr o nome completo, tenho que pôr o *von* Paumgarten Deane, que é o nome como eu estou registrada. Mas as pessoas em geral se encantam com isso, então de vez em quando eu recebo umas coisas muito engraçadas: Dra. Maria Von, com letra maiúscula, é engraçadíssimo.

RG – Isso é um encantamento permanente na Europa, tem todas aquelas revistas que só se dedicam a contar as histórias dos seus nobres. Mas eu lhe perguntei por que a senhora teve esse repúdio, a origem aristocrática na sua juventude?

MD – Não, não foi um repúdio, mas para que essa coisa? Como é natural, os filhos do meu avô, os meus tios, o meu pai, a minha avó, que sobreviveu muitos anos, o meu avô, que eu conhecia, eles tinham bastante orgulho disso. O que de certo modo eu compreendo hoje: era uma herança que eles tinham e a gente tem uma fase na vida da gente que a gente passa a não dar importância nenhuma a essas coisas. Vocês passaram por isso seguramente, você tem uma certa rebeldia quanto a essas tradições da família. Logicamente que as coisas são diferentes...

RG – É, mas eu queria esclarecer porque suscitou a minha curiosidade. Quando a senhora mencionou isso, eu fiquei curiosa se a senhora participou de algum movimento, de alguma coisa assim na sua juventude ou se foi uma coisa individual? Ou se era parte de um grupo que tinha uma ideologia diferente?

MD – Não, não, não. Eu nunca participei de muita coisa não, eu sempre fui um pouco individualista nesse negócio. Eu fazia parte de dois grupos, um por imposição da família que era religioso...

RG – Da igreja?

MD – Da igreja. Fui filha de Maria, fui a procissão de véu, fita azul, até a adolescência, depois eu deixei. E também, de certo modo, por imposição da família fiz parte dos bandeirantes. Não sei se você sabe o que é bandeirante.

RG – Ainda existem.

MD – Ainda existem, não é? É escoteiro feminino. Depois eu larguei todas essas coisas porque eu nunca me enquadrei muito nessas coisas regimentadas, sempre fui muito avessa a isso. A gente faz, às vezes, certas coisas para agradar a família. Minha mãe era muito religiosa, muito mesmo. Meus irmãos, minhas irmãs, minha família toda, meus tios, eram todos muito religiosos. Então, era aquele ambiente, e mesmo que não te obriguem a fazer uma coisa, te impõem de um certo modo. Minhas primas todas iam à igreja e tal, até hoje. Eu então fui na onda.

RG – Até um certo ponto.

MD – Até um certo ponto, até quando eu comecei a pensar, a ousar a pensar sozinha.

RG – Eu acho que essa é a questão mais importante nesse momento: nos contar como é que começou a sua vocação. Como a senhora se encaminhou para essa carreira tão bem sucedida?

MD – Olha, eu não creio que houve uma vocação. Como eu disse a vocês, chegou uma época na minha vida que comecei a pensar mais por mim, me rebelei contra várias coisas, inclusive contra os ensinamentos da igreja. Hoje eu sou uma pessoa completamente... eu não sou contra religião nenhuma, eu respeito etc., mas eu não tenho, pessoalmente, nenhuma necessidade de qualquer religião, compreende? E isso já vem desde a minha adolescência. Eu me libertei dessas coisas e eu não creio em nenhuma vocação especial. Eu queria, justamente em consequência dessa coisa, ter uma profissão e ganhar a minha vida. Então, eu não tinha muitas opções, eu estava em Belém ainda e as faculdades em Belém eram Medicina, Advocacia e Engenharia. Eu não dava para Engenharia e não queria ser advogada, então fui fazer Medicina.

RG – Foi por exclusão.

MD – Foi por exclusão, digamos, por exclusão, mas evidentemente me encantei com a profissão, com o estudo e foi isso.

RG – Por exemplo, esse desencanto com a religião, a senhora lia muito, a senhora tinha uma leitura assim crítica em relação a isso?

MD – Eu lia muito, mas não era essa questão. Não fui influenciada pela leitura não, eu fui influenciada pela minha capacidade de crítica. Quer dizer, comecei a fazer a crítica dos dogmas da igreja e a não aceitar os dogmas. Até hoje, eu sou uma pessoa que não aceito dogma nenhum. Então pronto, é só isso, não tem nada, nem influência de leitura, nem ligação com qualquer grupo especialmente político, ideológico contra a religião ou coisa assim, nada disso.

RG – Um percurso individual da senhora.

Fita 1 - Lado B

RG – ... mas é importante, porque está no seu nome, é um dado de realidade...

LT – Mas com relação ao ingresso na faculdade, o magistério não era a opção mais aceita para as mulheres nesse momento?

MD – É, mas não me interessava, não me interessava nada o magistério.

LT – E dentro de casa houve essa possibilidade de optar pelo que lhe interessava?

MD – Bem a minha família, a minha mãe sempre foi um espírito muito aberto, mas eu lembro que as minhas tias faziam um pouco de objeção. Eu me lembro que, naquele tempo, havia um médico da família, chamava-se doutor Coelho de Souza. Essa figura do médico da família toda que era enorme, uma porção de filhos e tal. Ele, então, foi consultado pela família se eles deviam deixar que eu entrasse para a Escola de Medicina.

Ele me chamou e disse: “Olha Maria, você quer mesmo fazer?” Eu digo: “Eu quero”, “Você sabe que você vai ter que examinar cadáveres de homens nus?”.

RG – Essa foi a primeira coisa que ele lhe alertou?

MD – ...me alertou. “E daí?” Bom, depois da conversa ele disse para família: “Não, deixa ela fazer, não tem problema nenhum”. E assim eu fui fazer o vestibular e entrei. Naquele tempo não havia a competição que há hoje, não sei quantos milhares de candidatos para um número pequeno de vagas; o número era relativamente pequeno e não havia essa disparidade grande. Por coincidência, embora naquela ocasião houvesse muito poucas mulheres médicas no Brasil todo, na minha turma entramos cinco mulheres.

RG – E a senhora lembra do tamanho da turma?

MD – Éramos uns 60, eu acho.

RG – Um número muito significativo, não é?

MD – Pois é, por coincidência cinco Marias.

RG – E vocês se conheciam antes ou se descobriram assim...

MD – Não, não, foi por acaso, por coincidência entraram cinco Marias na minha turma e nos formamos todas.

RG – E durante o curso houve essa coisa das cinco mulheres se juntarem? Fez-se esse grupo?

MD – Não, não, interessante que não. Nós tínhamos grupos, naturalmente, mas os grupos incluíam ambos os sexos. Nos demos muito bem, eu sempre fui muito respeitada pelos colegas, não havia nada. Entre o corpo docente não havia nenhuma...

RG – Discriminação.

MD – ... discriminação, eu me lembro muito bem.

RG – Havia uma aceitação plena por parte dos homens?

MD – Entre os colegas, havia. Alguns professores diziam: “Ah, mulher, devia estar em casa, coando café”, esse tipo de coisa, mas a gente não...

RG – Pois é, os professores é que faziam pouco caso das alunas?

MD – Alguns faziam pouco caso.

RG – Que coisa.

MD – Mas eu sempre fui boa estudante, eu gostava.

RG – A senhora conheceu o doutor Deane ainda estudante. Vocês começaram a namorar...

MD – ... ainda estudantes. Ele era dois anos mais adiantado do que eu. Dois anos mais velho e dois anos mais adiantado.

RG – Esse encontro com o doutor Deane deve ter marcado muito a sua passagem pela faculdade. Imagino que modificou um pouquinho a sua relação...

MD – Foi. Ele era muito bom estudante, eu também era uma boa estudante. Tínhamos discussões de grupo, nos conhecemos e um se interessou pelo outro e pronto, normalmente, naturalmente.

RG – O doutor Deane contou na entrevista que vocês eram muito companheiros desde o começo: conversavam muito, eram muito amigos assim que começou essa relação.

MD – É, a gente discutia muito, conversava muito. O Leônidas, por exemplo, sempre gostou muito de estudar essa parte de evolução, o darwinismo, etc. e, de certo modo, me introduziu nessa coisa. Ele despertou o meu interesse também para esses aspectos. Eu estava mais voltada, nessa ocasião, para clínica mesmo. Eu tinha um grande encantamento com a clínica e, desde o segundo ano de Medicina, eu fui para as enfermarias. Embora o pessoal olhasse um pouco assim, mas eu ia, frequentava, seguia e tal e assim que me foi permitido - acho que estava no quarto ano - fiz concurso para internato. Naquele tempo se fazia concurso, eu fiz concurso e entrei como interna, comecei a fazer internato.

RG – Na Santa Casa?

MD – Na Santa Casa, que foi um hospital de bastante bom nível, mas já estava decaindo naquela ocasião. Mas tinha sido um hospital de muito bom nível nos tempos áureos da borracha. Belém tinha realmente várias instituições de nível muito bom. A Faculdade de Medicina já estava decaindo bastante, o hospital também, mas como hospital-escola era bastante bom e eu tinha muito encantamento pela clínica.

RG – E esse curso médico era voltado para clínica mesmo?

MD – Não, tinha clínica e cirurgia, mas eu gostava mais da clínica mesmo. Depois, sob a influência do Leônidas, eu comecei a me interessar também pela parte de trabalho em laboratório. E depois, quando eu já era formada, quando o Evandro Chagas foi a Belém... ele contou isso, não é?

RG – Contou.

MD – Então, por influência do Leônidas eu entrei para a equipe do Evandro Chagas. Eu ainda era estudante e comecei a viajar para o interior para fazer esse estudo de Calazar. Aí que eu fui sentir um pouco o problema de ser mulher em certas circunstâncias, não na família que já estava acostumada com o meu comportamento um pouco independente, e também não do grupo de trabalho que me aceitou muito bem. Mas, na época, achavam que mulher num grupo só de homem... eu nunca liguei para essas coisas, mas sabia. De vez em quando chegavam no meu ouvido comentários assim um pouco (*risos*)...

RG – Pouco abonadores?

MD – Pouco abonadores.

LT – Inclusive, para esse tipo de opinião tinha o agravante da senhora estar também em viagens com o seu namorado.

MD – Pois é, em viagens com o meu namorado.

RG – Mas como é que a senhora era recebida pelas populações no interior?

MD – Isso variava. É como eu digo: tinha de tudo. Em geral o pessoal pobre não liga para nenhuma dessas coisas, você vai tratar e não tem problema.

RG – Não são preconceituosos, quer dizer são menos do que na cidade.

MD – Agora, quando você chega assim num grupo com mais dinheiro, mais posição, aí é que começa o preconceito. Isso eu senti um pouco. Realmente, isso nunca me perturbou. Quer dizer, você tem um interesse pelo trabalho, pelo estudo, essas coisas são tão sem importância, não tem importância nenhuma, você não liga mesmo.

RG – Mas nesse momento, quando a senhora começou a trabalhar com o doutor Deane nesse grupo do Evandro era um universo totalmente masculino, porque na universidade tinha colegas.

MD – Era totalmente masculino. Sempre fui muito bem tratada, muito respeitada pelo grupo, nunca tive qualquer problema no grupo. O Evandro mesmo era um cavalheiro, meus colegas todos cavalheiros, não teve problema nenhum. Nunca dormi com o meu marido antes de me casar, então se querem saber isso, está aí.

RG – É interessante: a virgindade, esses padrões tradicionais de não ter relações com uma pessoa, era uma questão para a senhora?

MD – Era engraçado, eu me lembro que uma vez o Evandro estava brincando: “Como é? Quando sai o casamento?” Eu me lembro muito bem que eu disse para ele: “Olha, eu não faço questão nenhuma do casamento” e ele mesmo, o Evandro, disse: “Você está errada Maria, porque nós vivemos numa sociedade onde essas coisas são importantes”. Ele, Evandro Chagas, me disse isso numa roda em que a gente estava conversando e brincando. Mas eu nunca me preocupei muito não. Na verdade, como estávamos sempre juntos, éramos um grupo, nunca nos ocorreu... Não é como hoje, tão livremente, coisa que eu não critico. Para mim, são os tempos que mudam. A gente é acostumada de uma maneira, tem uns certos padrões e depois mudam. Eu aceito essas mudanças, eu não tenho nenhum preconceito. Hoje uma moça e um rapaz convivem muito bem como se fossem casados, ninguém repara, está tudo certo, mas naquele tempo havia mesmo. A gente mesmo sem pensar no assunto, ter aquele preconceito, também não havia necessidade. Realmente o interesse maior, naquela ocasião, era o trabalho e o estudo. Entendeu?

RG – Perfeitamente. Eu queria perguntar qual foi o papel do Evandro, porque o Evandro era uma personalidade e um homem assim, inclusive, polêmico. Falam-se coisas muito variadas dele, mas sem dúvida, parece que era fascinante, não é?

MD – Era um homem muito inteligente e dizia-se que era muito mulherengo - e acho que

era mesmo – mas me tratava com o maior cavalheirismo, o maior respeito. Era uma pessoa que eu ousou dizer até com um certo carinho, como se eu fosse filha dele, muito carinho, muito respeito.

RG – Ele teria idade para ser seu pai? Ele era jovem naquela ocasião?

MD – Ele era jovem, morreu com 35 anos. Não, não tinha idade para ser meu pai, eu tinha vinte e poucos, mas era um homem mais vivido, eu era uma pessoa novinha.

RG – A senhora sentia admiração por aquele personagem assim tão diferente?

MD – Eu tinha sim, nós todos tínhamos bastante, era um homem muito generoso, muito inteligente. Depois nós até nos afastamos dele, houve uma cisão no grupo, tivemos uma briga, uma coisa boba e pouco depois ele morreu também.

RG – Mas isso já foi bem depois.

MD – Ele morreu com 35 anos. Nós trabalhamos com ele... Quantos anos? Eu ainda era estudante...

RG – Ele morreu em 39.

MD – 39, uns seis anos, por aí, eu me lembro muito bem disto. Ele era um personagem muito interessante, um homem muito bonito também, uma cabeça bonita, ele era muito mais bonito do que o Carlos. Eu conheci muito a mãe do Evandro, D. Íris, quando eu vim para o Rio para trabalhar aqui, trazida pelo Evandro. Eu fiquei morando aqui no Hospital Evandro Chagas, tinha o meu quarto de banho, etc. Eu fiz meu internato aí.

RG – Que período foi esse que a senhora veio aqui?

MD – Acho que foi em 1939. Nessa ocasião, me dei muito com a então mulher do Evandro, a Agnes Chagas, com a mãe do Evandro, Dona Íris, conheci o Carlos Chagas.

RG – Carlinhos?

MD – É. Quando o Evandro veio para Belém, o pai dele tinha morrido fazia tempo. E nos fins de semana era muito frequente, principalmente quando o Evandro estava viajando, a Agnes me levar para o apartamento dele. Almoçava frequentemente na casa da Dona Iris, ali na Rua Paissandu. Há uns meses atrás, conversando com o Carlinhos Chagas, eu perguntei para ele o que tinha sido feito daquela casa da Rua Paissandu. E ele me escreveu um depoimento - eu devo ter por aí - muito interessante sobre a história do pai dele com a mãe dele, a compra da casa da Rua Paissandu, tudo isso. Eu tenho escrito por ele.

RG – Ele contou isso, pelo menos uma parte dessa história, num depoimento que ele deu para a gente.

MD – Ele contou? Eu conheci a avó do Evandro, a mãe da Dona Iris, e me lembro do orgulho com que Dona Iris mostrava as coisas que tinham pertencido ao Carlos Chagas, as medalhas, deve estar tudo aí, não é? Não está aí na Casa de Oswaldo Cruz...

RG – Não.

MD – Onde é que está esse material?

LT – Eu acho que permanece com a família, o que foi cedido para Casa foi a parte dos documentos pessoais.

MD – Pois é, ela me mostrava os documentos, os diplomas, as medalhas e tinha um livro de visitante. Eu até tenho curiosidade de ver isso porque, naquela ocasião, eu novinha, emocionada, ela me pediu para escrever no livro e eu me lembro bem o que eu escrevi: “Espero seguir o seu exemplo”, quer dizer, o exemplo do pai. Depois eu fiquei pensando: que coisa mais absurda...

RG – Pretensiosa.

MD – Que pretensão a minha (*risos*)

RG – A juventude é assim mesmo.

MD – Que pretensão. Eu tenho vontade... esse livro deve existir ainda.

RG – Talvez nem tenha sido tão pretensioso assim.

MD – Deve existir ainda esse livro onde eu escrevi. Naquele tempo, eu ainda assinava Maria Von Paumgarten, eu ainda não era casada.

RG – Deve existir sim. O Carlos Chagas tem um grande cuidado com a memória da família. Inclusive, ele está organizando um livro de memórias contando esses casos todos.

MD – E eu me lembro do choque tremendo que nós tivemos com a morte do Evandro e eu me lembrava que o avião do Evandro caiu perto da casa da mãe dele.

RG – Na Praia de Botafogo.

MD – Na Praia de Botafogo.

RG – Tão trágico.

MD – Ela morava na Rua Paissandu. Eu fui muitas vezes naquela casa almoçar. Me lembro até de alguns pratos que eram tradicionais naquela casa.

RG – Essa sua chegada para o Rio de Janeiro, foi a primeira vez que a senhora vinha ao Sul?

MD – Não, eu tinha vindo criança. Eu tenho duas irmãs nascidas aqui no Rio. Meus pais vieram para o Rio depois voltaram para o Pará. Minha avó estava muito mal, pediu para o meu pai voltar. Afinal, ele morreu antes dela. Mas a minha mãe nunca perdoou, porque ela adorava o Rio de Janeiro.

RG – E a senhora tem lembranças da sua infância aqui? Ficou alguma coisa vívida?

MD – Eu tenho vaguíssima lembrança. Eu era muito pequena, eu voltei acho que com uns cinco ou seis anos. Tenho duas irmãs nascidas aqui.

RG – Então, já adulta - jovem adulta - qual foi a impressão que a senhora teve de chegar na Capital Federal? Foi alguma coisa importante?

MD – Eu me lembro do comentário da Agnes: “Maria chega aqui, parece que tudo ela já conhece”. De certo modo eu conheço, porque eu leio tanto, li tanto sobre grandes cidades, li tanta coisa e que é como se eu já conhecesse. Minha mãe tinha um encantamento pelo Rio, então, ela contava muita coisa. Minha mãe era louca pelo Rio. Depois que meu pai morreu, aí já estava trabalhando, ganhando, etc., ela veio viver no Rio, morreu aqui no Rio. O sonho dela era viver aqui no Rio. Não tinha deslumbramento, nunca fui muito de me deslumbrar com coisa nenhuma.

RG – Mas a senhora foi criada em Belém, imagino que aquela experiência de vocês lá naqueles interiores, no mato, naquela selva com o grupo do Evandro, deva ter sido uma coisa bastante forte na sua vida?

MD – Foi muito interessante, eram aventuras, era uma coisa. Tinha um aspecto meio aventureiro você se meter assim... Realmente, a gente tinha às vezes situações bastante complicadas. Mas as lembranças que eu tenho de todo esse tempo que eu trabalhei no interior com o Evandro e depois de casada com o Leônidas são muito gratas. Foi um tempo realmente muito gostoso...

RG – De descobertas.

MD – De descobertas, não descobertas, mas descobertinhas, digamos.

RG – De tudo, descoberta de vida, de Brasil...

MD – De vida, de Brasil, de trabalho, a sensação de que a gente estava fazendo alguma coisa que podia ser útil, se bem que depois a gente fica pensando no que é útil mesmo. Mas em todo caso, na ocasião, foi muito gostoso, as lembranças que eu tenho são muito gostosas, muito boas, apesar de alguns riscos e muito desconforto. Depois trabalhamos, Leônidas e eu, não só na Amazônia, mas em grande parte do Brasil, no Nordeste todo...

RG – Ele disse que conhece praticamente o Brasil todo, trabalhou em praticamente todos os cantos...

MD – É, ele conhece mais do que eu, mas nós trabalhamos muito tempo juntos pelos mesmos lugares. Mas sim, estamos chegando ao fim.

RG – Não. Eu estava comparando a sua saída de Belém, que é uma cidade capital até bastante sofisticada em certos aspectos, para o campo, para o interior, para a floresta, para o mato, depois a senhora veio para o Rio. Eu queria saber o peso relativo dessas mudanças na sua vida?

MD – Um somatório de experiências, experiências diferentes, mas uma soma de experiências.

RG – Quando a senhora veio para o Instituto Oswaldo Cruz - naquela época era Instituto - ele tinha alguma importância? Aquele mito do Instituto existia para a senhora?

MD – Tinha, existia muito para o Leônidas e para mim. Eu conheci aqui pessoas que tinham uma importância enorme para nós através de estudos e leitura, como por exemplo: o Henrique Beaurepaire de Aragão, o Julio Muniz, o Arthur Neiva, Costa Lima, essa gente toda que trabalhava aqui. Ainda cheguei a conhecer o velho Adolpho Lutz...

RG – E a filha Bertha?

MD – A Bertha eu não conheci, ela não trabalhava aqui, mas conheci o velho Lutz.

RG – Quando a senhor veio para o Instituto, não tinha nenhuma mulher assim de peso que a senhora possa mencionar?

MD – Não, não tinha. Eu trabalhei com o Evandro e com o Walter Oswaldo Cruz e comecei a fazer o Curso de Aplicação em Manguinhos. Mas aí começou a epidemia de malária no Nordeste, o Evandro se engajou e quis que nós fôssemos para lá. Eu fui para lá também e eu deixei o Curso, mas eu já tinha começado o Curso. Aí eu conheci todo esse pessoal que a gente conhecia de trabalho duro e tal.

RG – E nesse curso a senhora chegou a ter contato com a mulher do Walter, a Sylvia Hasselmann?

MD – Eu a conheci muito pouco, muito pouco. Eu comecei a trabalhar com o Walter aqui neste prédio. Comecei a fazer um estágio em hematologia - o Walter trabalhava com hematologia - conheci o irmão dele, o Oswaldo Cruz Filho, Genésio Pacheco, esse pessoal.

RG – Mais uma vez um universo totalmente masculino aqui dentro.

MD – Totalmente masculino.

RG - E a senhora tinha uma relação com as esposas deles, com as famílias?

MD – Um pouco, nem tanto assim. Tinha com a Agnes Chagas, a mulher do Evandro; eu conheci, mas muito de passagem, a mulher do Carlos Chagas, mas não tinha nenhuma intimidade, era uma pessoa um bocadinho retraída.

RG – Muito independente?

MD - Independente talvez sei lá, enfim.

RG – E o doutor Deane não veio com a senhora nessa ocasião? Ele não estava aqui? A senhora estava sozinha?

MD – Não, não veio. Depois ele veio aqui fazer um estágio, voltou e quando nós fomos para o Ceará, nós fomos trabalhar no mesmo grupo.

LT – Para campanha do *gambiae*, não é?

MD – É para a campanha do *gambiae*.

RG – A senhora lamentou ter que abandonar assim esse projeto de fazer o curso aqui?

MD – Não. Em parte, sim, mas em parte não porque a gente ia se engajar num trabalho extremamente importante, muito interessante.

RG – Foi nesse momento que teve a briga.

MD – Foi. Nesse momento nós tivemos uma briga com o Evandro.

RG – Vocês acabaram ficando no outro projeto maior.

MD – O da Rockefeller. Fomos convidados pelo Soper que era o diretor da Rockefeller. Nós saímos... hoje nós lamentamos muito, mas tolices, bobagens... Nós fomos convidados pelo Soper - o Leônidas, eu, o irmão do Leônidas - para trabalhar no Serviço de Malária do Nordeste, e também na campanha contra o *gambiae* que foi o serviço que realmente dominou, tomou conta da campanha.

RG – É, foi uma campanha muito bem estruturada, doutor Deane nos contou alguns episódios.

MD – E aí também eu trabalhei num universo totalmente masculino, porque fora secretárias, não tinha mulher não. Eu nunca tive problemas.

RG – A senhora se sentia à vontade.

MD – A vontade completamente no ambiente de trabalho. Se bem que a gente sempre ouvia um zum zum das pessoas. Por exemplo: criticavam que eu tinha um salário maior dos vários homens. Também, mais uma vez, eu não dava a menor bola para essas coisas, realmente não dava. Engraçado: eu sempre soube, sempre tive ideia e sempre senti um pouquinho uma certa discriminação, mas eu nunca me senti diretamente discriminada, compreende? Não sei se eu me faço entendeu.

RG – Era uma coisa vaga, difusa.

MD – Difusa, eu não sei se é porque eu não dava bola mesmo ou qualquer coisa... Agora, que há discriminação há, há até hoje.

RG – A senhora não permitiu que fosse um obstáculo.

MD – Não, nunca foi um obstáculo, nunca foi. Talvez um pouco... não posso dizer isso.

RG – O que?

MD – Não, talvez, um pouco de vaidade, orgulho, você sempre por cima, não dá bola porque você automaticamente põe...

RG – Coloca isso numa posição inferior.

MD – Numa posição inferior, eu não ligo.

RG – É, talvez uma coisa de autodefesa para enfrentar esse tipo...

MD – É lógico que há discriminação. A minha posição em relação a esses problemas é a seguinte: existe discriminação contra a mulher em todos os meios, existe mesmo, a gente sabe, não adianta querer negar; agora, a gente também não pode esperar que as coisas mudem de um momento para o outro. Esse sentimento de superioridade masculina é uma coisa tão arraigada na sociedade, tão antiga, que você não pode pensar que de um momento para o outro você vai mudar, não pode esperar isso aí. As coisas estão mudando. Agora, pessoalmente eu sempre soube havia, mas eu nunca me senti muito diretamente atingida, talvez porque eu nunca permiti que essa coisa me atingisse de uma maneira mais profunda.

RG – A senhora seguiu com os seus projetos.

MD – Segui com os meus projetos.

RG – Principalmente na juventude, não é, porque eu acredito que com a maternidade alguma coisa tenha mudado.

MD – É, mudou porque eu fui obrigada... quer dizer, durante um período eu não quis trabalhar fora.

RG – Foi uma opção.

Fita 2 - Lado A

MD - ... a gente se sente mais livre para contar. Inclusive eu dou aula. Eu até gosto de dar aula para certo nível de estudante. Eu não gosto de dar aula para estudantes de pós-graduação. Minhas aulas são em torno de conversas, eu tenho experiência pessoal sobre vários assuntos sobre os quais eu dou aula... Sei que conto as minhas histórias. Quando você fica mais velho, você até se habitua a contar histórias.

RG – E devem ser as melhores aulas porque são aulas tão cheias de vivências, não é?

MD – É, o pessoal, pelo menos, parece que gosta das minhas aulas, pois eu levo as aulas assim informalmente.

RG – É Claro. Todo mundo gosta de história e é tão melhor aquela coisa vivida do que uma informação teórica.

LT – Doutora, a gente falava do papel da maternidade e a senhora provavelmente optou em ficar com a sua filha, não é?

MD – Quando meu marido foi convidado para trabalhar em São Paulo, na Faculdade de Medicina com o professor Samuel Pessoa - era um sonho dele - ele aceitou. O professor Samuel Pessoa era uma figura que a gente respeitava muito e insistiu muito para me

contratar também, mas eu não queria porque eu queria justamente ter mais tempo para estar com a minha filha. Só depois que ela foi para a escola e etc., eu comecei a trabalhar tempo parcial...

RG - A senhora lamentou, naquela ocasião, não ter participado integralmente?

MD – Não, não lamentei, porque eu optei por isso. Várias colegas minhas daqui e de São Paulo pensavam diferente. Conheci várias que eram professoras, pesquisadoras e etc. e algumas delas não tinham nenhum problema em deixar filhos pequenos com empregadas. Eu sempre fiz muita resistência a isso, sabe? Mas também, depois, eu comecei, aos poucos, a ter....

RG – Ter coragem de deixar com terceiros, não é? Talvez até pelo tipo de educação que a senhora mesma recebeu em que o papel da mãe era tão presente, não é?

MD – Não, eu não sei, sabe? Você sabe, eu não tenho opinião assim definitiva acerca de várias coisas, eu não tenho. Eu acho que, oh Deus! a vida da gente é curta, tudo é provisório neste mundo, a gente é provisório, tudo passa depressa demais. Eu acho que as pessoas têm uma certa liberdade de viver sua vida como bem lhes pareça, desde que não chateiem os outros. Eu não tenho assim opiniões definitivas a respeito das coisas. Eu não sei se é melhor a mulher dentro de casa, melhor a mulher fora de casa trabalhando, eu não sei. Eu sei que hoje é uma necessidade econômica porque, hoje, os homens que trabalham, na maior parte das vezes, não ganham o suficiente para sustentar a família. Essa é uma das coisas. E a outra coisa: porque não dar à mulher a oportunidade de realmente empregar os seus talentos, a sua inteligência em alguma coisa, mais do que só mexer panela, ora veja, por que não? Se a mulher quer ficar dentro de casa cuidando de filho, ótimo.

RG – Dra. Deane, a senhora tinha essa visão naquela época ou isso é uma coisa que a senhora adquiriu com...

MD – A vivência leva a gente a certas posições, mas eu nunca fui intolerante. Eu, por exemplo, optei por ficar em casa cuidando da minha filha até ela ter uma certa capacidade de ficar na escola, etc., porque foi uma opção, eu não me senti obrigada a isso.

LT – Era mais uma valorização pessoal da maternidade?

MD – Sei lá se pensei assim dessa maneira, sei lá. Talvez fosse falta de confiança na empregada doméstica. Quando minha mãe morreu, minha filha tinha dois anos. Quando minha mãe era viva, eu tinha confiança em deixar a minha filha com a minha mãe, aí eu ainda trabalhava fora. Depois que a minha mãe morreu, nessa ocasião eu tinha até duas empregadas muito boas: uma babá e uma cozinheira. Apesar de depositar nelas uma certa confiança, não era absoluta. Eu não entregava a educação de uma criança a uma empregada. Agora, hoje você já tem outras facilidades, por exemplo, meu neto desde antes de um ano foi para uma creche, depois foi para um infantil, sei lá como é...

RG – Maternal.

MD – Maternal, na mesma escola que ele está hoje. Ele vai fazer dez anos, começou na mesma escola.

RG – Qual é?

MD – É o Anísio Teixeira.

RG - Ah, é no CEAT [Centro Educacional Anísio Teixeira], não é?

LT - É, em Santa Tereza.

MD - É, no CEAT. No principiozinho, ele esteve numa creche diferente, mas logo depois ele foi para essa escola e é gostoso para ele e para a gente. Ele tem um grupinho que vem com ele desde o início, e se dá muito bem. Todo mundo conhece e tal, os pais dos colegas, é um negócio bom. No tempo que a minha filha era pequena, não tinha isso, não havia essa facilidade, não havia creche aqui no Rio.

RG – A senhora acha que a sua carreira ficou em parte prejudicada por esses anos de afastamento parcial?

MD – Logicamente que houve. Eu tenho no meu curriculum um espaço quase em branco. Durante esse tempo, eu aceitei fazer trabalhos de cursos. Naquele tempo, o Ministério da Saúde era Ministério da Educação e Saúde e organizava uns cursos de pós-graduação e me convidavam para dar cursos, para dar aulas e eu dava. Eu fazia trabalhos também de tradução, de versão de trabalhos científicos para inglês, inglês para português e fazia curtas viagens para esses cursos etc. Mas eu não pude me dedicar às pesquisas, não pude publicar trabalhos. Nesse período, é um período relativamente grande, você vê trabalhos publicados no meu curriculum, tem um espaço assim que não tem nada. Então, desse certo modo sim, mas passou o tempo e isso ficou meio apagado.

RG – Porque até esse momento a sua carreira e a do doutor Deane eram muito misturadas.

MD – Muito misturadas.

RG – É nesse momento que há uma separação, talvez a primeira...

MD – É, do ponto de vista científico é.

RG – Cada um faz um caminho independente.

MD – É, mas assim mesmo nós fizemos muita coisa juntos também: fomos para o Ceará fazer uns estudos, fomos convidados pelo Ministério da Saúde - fomos juntos nessa ocasião, temos uns trabalhos publicados juntos. Depois, mais recente também, mas isso já é outra... aí a minha filha era pequena, foi conosco... mas aí eu tinha uma irmã que deixou o emprego dela para ir conosco para tomar conta da menina.

RG – Isso foi uma facilidade, foi uma sorte, vocês poderem contar com esse apoio familiar.

MD – Foi mesmo.

RG – A irmã não tinha um vínculo assim muito forte com a profissão, pôde largar.

MD – Pois é. Então, foi isso. Mas depois vem um período negro na vida da gente.

RG – É, posterior.

MD – Com a revolução de 1964.

RG – Pois é, a gente não precisava dar esse pulo, mas já que a senhora está mencionando, eu fiquei muito impressionada quando o doutor Deane contou que a senhora deixou de se aposentar, estava no fim da carreira para ir ao encontro da filha. Que coisa tão forte, não é?

MD – Minha filha sofreu muito com essa coisa. Ela, como muitas jovens dessa época, se envolveu com um político universitário. Envolveu-se, foi envolvida, e tal. Aquela coisa estúpida da repressão naquela época, me obrigou a sair daqui do Brasil. Foi uma época muito dura, muito dura mesmo, para ela e para nós. Depois fomos para fora também, passamos vários anos fora, mas enfim, tudo passa.

RG – É, mas esse realmente foi um corte muito violento no desenrolar assim das vidas.

MD – Não só nossa, mas de tantas pessoas outras pessoas. Nessa ocasião, eu tinha um pavor que a minha filha caísse na mão desses assassinos que andam a solta hoje por aí, não é? Várias pessoas que nós conhecemos, jovens, inteligentes, tão promissores, tão idealistas e tal, foram presos, torturados, alguns mortos, não gosto de pensar nesse negócio não, me revolta muito, para que?

RG – O doutor Deane nos contou um episódio que imagino tenha sido muito traumático: na Argentina, quando ela esteve presa e vocês tinham aquela dificuldade toda...

MD – É, porque a polícia brasileira não era... Ela foi para Argentina numa tentativa de vir para o Brasil, mas com pouca sorte as coisas também viraram na Argentina e a polícia brasileira tinha, logicamente, entrada franca nisso. Você sabe disso: a polícia brasileira não só mandava informações como... Negaram o passaporte, ela não podia entrar no Brasil sem ter passaporte, negaram o visto, ela tinha passaporte, mas negaram o visto. Depois ela foi presa. Nós fizemos um processo que foi até o Supremo Tribunal Militar e lá mantiveram a negativa de dar o visto. *(risos)* Porque ela era um elemento muito perigoso, depois passada a história a gente acha até graça. Ter um filho seu, que você está acostumado, sabe que a pessoa é generosa, bondosa e tudo, que não podia ver um animal maltratado... é muito perigosa.

RG – Mas ela pessoalmente não sofreu tanto assim. Teve muita violência com ela?

MD – Não, violência assim...

RG – Física não, só emocional.

MD – Mas esteve presa em circunstâncias muito chatas, muito, muito chatas. Essas coisas passaram, como tudo.

RG – E o medo que é uma coisa que marca muito a gente, aquela insegurança.

MD – Um medo terrível, um medo danado. Na Argentina nessa ocasião, realmente faziam desaparecer as pessoas.

RG – Eu estava falando com uma moça argentina, agora, nesse fim de semana. Ela mora aqui há muitos anos e esteve lá visitando, disse que praticamente não se encontra ninguém que não perdeu alguém nesses anos todos na Argentina. Disse que o povo era um povo muito triste, todo mundo muito marcado...

MD – Você viu esse filme “A História Oficial”? Interessante que nós íamos visitar a nossa filha na prisão e conhecemos lá uma companheira de prisão dela que tinha um filhinho, um bebezinho. A mãe dela e a sogra dessa moça iam visitá-la também, ao mesmo tempo. Eles faziam aquelas coisas humilhantes para a gente ficar em fila, revista, esse tipo de coisa. Então, a gente sempre conversava um pouco e as duas iam visitar a filha de uma e nora da outra e o bebezinho. De vez em quando, davam licença para uma delas levar o bebezinho para casa. Um bebezinho loirinho, de olhos azuis - a moça era loura de olhos azuis. Levavam o bebezinho. Bom, depois nós conseguimos provar que não havia nada contra a nossa filha e soltaram ela. Então, eles marcaram um ponto para a gente se encontrar, à noite. Aí fomos encontrar, eles desviaram a nossa filha Luiza para uma outra prisão. Nos comunicaram que ia ficar presa com ordem direta da Presidência da República. Uma coisa completamente ilegal. Então, nós passamos a ir visitá-la lá, numas condições péssimas, horríveis. Numa ocasião que nós estávamos lá na antessala para poder ver a filha, essas duas senhoras estavam lá na antessala e como nós tínhamos nos encontrado várias vezes na prisão, eu fiz menção de ir falar com elas e notei que elas tiveram um gesto assim e notei que elas não queriam falar comigo. Eu não percebi bem a coisa, mas a gente vivia achando que tinha alguma coisa por trás. Bom, nós fomos visitar a menina, saímos, daqui a pouco dobramos uma esquina e escutamos aqueles passos assim atrás, elas vinham, as duas: “Olha, nós não quisemos falar com vocês porque não queríamos incriminar vocês mais do que o necessário, mas nós estamos aqui para saber notícias do nosso neto, porque eles sumiram com o garotinho”. Então, elas nos contaram o seguinte: a moça que estava presa, a mãe do menino, que era filha de uma das donas lá, tinha tido a criança já na prisão e o marido dela, que era filho da outra dona, não conhecia o garoto, mas elas sabiam onde ele estava - ele estava escondido. Elas sabiam onde ele estava e conseguiam se comunicar de vez em quando com ele. Passou o tempo e o rapaz, doido para conhecer o filho, pedia sempre para levarem o garoto lá para ele conhecer e tal e elas resistiam. Mas um dia, elas acharam que a vigilância para descobrir onde ele estava tinha diminuído, então se arriscaram a levar o garotinho para o pai conhecer. A polícia estava atrás, chegou na hora, prendeu o rapaz e levaram a criança e elas estavam loucas para descobrir como e para onde eles tinham levado a criança. Até hoje eu não sei se eles chegaram a descobrir a criança.

RG – Que coisa, não é?

MD – Quer dizer, foi a história de “A História Oficial”. Um negócio terrível, não é? A capacidade que tem o indivíduo humano de ser cruel, é incrível, incrível. Olha, já acabou, agora vocês vão embora, me despeço, contei minha história...